



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Presidente Prudente

MICHELE DA SILVA CARLOS

**CRIANÇA TÍMIDA NA ESCOLA: POSSÍVEIS CAUSAS E INTERVENÇÃO
LÚDICA**

Presidente Prudente

2018

MICHELE DA SILVA CARLOS

**CRIANÇA TÍMIDA NA ESCOLA: POSSÍVEIS CAUSAS E INTERVENÇÃO
LÚDICA**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia sob orientação da Profa. Dra. Andreia Cristiane Silva Wiezzel.

Presidente Prudente

2018

C284c Carlos, Michele da Silva
Criança tímida na escola: Possíveis causas e intervenção
lúdica / Michele da Silva Carlos. -- Presidente Prudente,
2018
42 p. : tabs., fotos + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -
Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientadora: Andreia Cristiane Silva Wiezzel

1. Criança. 2. Timidez. 3. Atividade Lúdica. 4. Brincar.
I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos
pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MICHELE DA SILVA CARLOS

**CRIANÇA TÍMIDA NA ESCOLA: POSSÍVEIS CAUSAS E INTERVENÇÃO
LÚDICA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andreia Cristiane Silva Wiezzel

Profa. Dra. Cinthia Magda Fernandes Ariosi

Prof. Dr. Paulo Roberto Brancatti

Presidente Prudente

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço este trabalho de conclusão de curso as seguintes pessoas que me apoiaram na realização desta graduação.

Primeiramente os meus agradecimentos são para o meu glorioso Deus, que acima de tudo me abençoou me dando força e coragem para prevalecer em minha jornada, sem ele nada seria possível.

Agradeço a minha família (mãe, pai e irmão) pelo incentivo de sempre buscar realizar os nossos sonhos, de ser honesta e humilde, mas acima de tudo nunca negar as suas origens e sua identidade independente de onde estiver. Obrigado pelas palavras de conforto nos momentos difíceis e pelas carinhosas nos momentos felizes, amo muito vocês.

Outra pessoa a quem sou muito grata é o meu namorado Altair que sempre esteve presente nesta minha caminhada, por me apoiar e me ajudar em todos os momentos da minha vida, pelo carinho e amor que me proporciona. Ressalto que não tenho palavras para te agradecer sua parceria durante esses anos.

Não posso deixar de agradecer a uma pessoa muito especial, Jefferson Martins, que desde o início esteve comigo em todos os momentos bons e ruins dessa caminhada, que sempre me incentiva a nunca desistir e está disposto a sempre me ajudar. A minha imensa gratidão a você meu amigo.

Não poderia me esquecer de você Guilherme, que embora me conheça a pouco tempo está sempre disposto em me ajudar, obrigado pelos conselhos, pelas conversas, incentivos e por me fazer acreditar em mim.

Quero agradecer imensamente a Profa. Dra. Cinthia Magda Fernandes Ariosi por ter aceito o convite para ser membro da minha banca, pessoa na qual me espelho e admiro o trabalho que desenvolve com muito amor, carinho e dedicação, te considero uma grande doutora. Além disso, obrigada por me ensinar a ver a educação infantil com outros olhos e por acreditar em mim.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Brancatti por ter aceitado ser membro da minha banca e pela dedicação em ler o meu trabalho.

À Profa. Dra. Andreia Cristiane Silva Wiezzel por ter aceitado me orientar neste trabalho.

RESUMO

A educação infantil tem se tornado cada vez mais um espaço de desenvolvimento para as crianças, mas, assim como em outros níveis de ensino, tem apresentado alguns desafios, especificadamente com relação à socialização de crianças que apresentam dificuldades de relacionamento. Diante disso, os objetivos do trabalho consistiram em investigar teoricamente e realizar intervenção lúdica com uma criança que apresentava características de timidez, para analisar se haveria uma minimização nessas características. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa e o processo de coleta de dados envolveu entrevistas com pais e professores e observações e atividades lúdicas com a criança participante. As análises dos dados indicaram que a criança utilizou a atividade lúdica para elaborar seus conflitos emocionais, seus medos e angústias. Essa atividade permitiu a criança transitar do mundo real para a fantasia, construir novos vínculos afetivos e estar mais aberta para estabelecer novas relações.

Palavras Chave: Criança. Timidez. Atividade Lúdica. Brincar.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Espaço da Brinquedoteca Escolar.....	21
Figura 2 - Brinquedos disponíveis na Brinquedoteca escolar.....	22
Figura 3 - Explorando os brinquedos das caixas.....	27
Figura 4- Observando os brinquedos dentro da caixa.....	27
Figura 5 - Seleção de brinquedos.....	29
Figura 6 - Brincando com as painéis coloridas.....	31
Figura 7 - Brinquedos e brincadeiras que a criança mais gostava na brinquedoteca.....	31
Figura 8 - Explorando os livros da brinquedoteca.....	36

LISTA DE TABELA

Tabela 1- Descrição comportamental da criança.....	25
--	----

LISTA DE SIGLAS

EPAEE - Estudante Público Alvo da Educação Especial.....	11
PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.....	11
PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.....	11
FAPESP - Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.....	12

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 TIMIDEZ: ASPECTOS GERAIS.....	15
3 A TIMIDEZ NA ESCOLA.....	17
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	20
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	23
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA.....	23
6 ATIVIDADES LÚDICAS.....	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXO 1: PARECER ÉTICO.....	42

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Michele da Silva Carlos, tenho 21 anos, a minha naturalidade é do Estado do Ceará, da cidade Brejo do Santo. Atualmente estou morando em São Paulo, no município de Presidente Prudente.

Embora os meus pais não tivessem estudos eles sempre me incentivaram a estudar. Quando entrei na creche, aos três anos de idade, me lembro de que foi um momento muito especial da minha infância, visto que eu amava ir a escola para ver os meus colegas e brincar. Entretanto, não posso deixar de mencionar os desenhos animados que assistia na televisão, como Scooby Doo, Sitio do Pica- Pau- Amarelo, dentre outros. Esses desenhos animados eram os meus favoritos.

Era muito divertido quando eu brincava com o meu irmão mais novo, me lembro que tínhamos uma bicicleta vermelha, adorávamos brincar com ela. Levávamos horas brincando e a imaginação sempre esteve presente, visto que tínhamos bichos imaginários e super poderes.

Depois de cursado o ensino fundamental e médio na rede pública de Presidente Prudente, ingressei em 2015 no curso de Licenciatura em Pedagogia, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da FCT- UNESP. A faculdade me propiciou diversas oportunidades que a escola nunca havia me proporcionado, ampliou a minha visão para vários aspectos, como, política, sociedade, escola, criança, dentre outras. A faculdade nos apresenta espaços onde temos a possibilidade de questionar, de mostrar o nosso ponto de vista, algo que em toda a trajetória escolar nunca foi propiciado.

No meu primeiro ano na faculdade tive a oportunidade de ingressar como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pelo subprojeto Pibid Pedagogia/EPAEE (Estudante Público Alvo da Educação Especial). Participei como voluntária no projeto “Brinquedoteca Escolar na Educação Infantil”, a partir da disciplina “Psicologia da Educação”. Essa disciplina despertou a minha curiosidade de saber mais a respeito desse assunto. Diante disso, iniciei uma pesquisa da qual se originou o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo tema é a timidez entre crianças na escola.

Posteriormente, fui contemplada com a bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pesquisando a seguinte temática, criança tímida na escola: possíveis causas e intervenção lúdica, com duração de um ano. No ano

seguinte foi renovada a minha bolsa (PIBIC), porém o tema era outro, criança tímida na educação infantil: um estudo sobre sua subjetividade e orientação a pais e professores.

Atualmente, sou bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), desenvolvendo a pesquisa intitulada, o desenvolvimento emocional da criança de 0 a 3 anos e o papel do professor segundo Emmi Pikler. Participo de diversos eventos, apresentando trabalho sobre a minha temática ou participando como ouvinte, acredito que esses eventos são significativos para a minha formação, pois contribuem para o meu processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, pretendo continuar a minha vida acadêmica, fazer mestrado e doutorado na área de Educação, especificamente, em Educação Infantil, visto que é uma temática que me instiga e desperta a minha curiosidade para realizar pesquisas mais aprofundadas.

O trabalho de Conclusão de Curso tem por finalidade proporcionar algumas contribuições acerca da timidez na educação infantil, bem como apresentar um estudo desenvolvido a partir de um projeto de brinquedoteca escolar que teve como objetivo desenvolver um trabalho com crianças que apresentavam características relacionadas à timidez, visando oportunizar o acesso ao brincar e aos benefícios que esse recurso oferece a elas. A pesquisa em questão (Trabalho de Conclusão do Curso) foi desenvolvida com uma criança de três anos de idade, entre os anos 2016 e 2017.

As reflexões apresentadas no corpo deste trabalho decorrem, também, da experiência vivenciada durante o estágio obrigatório na creche, o qual me fez perceber a falta de conhecimento dos agentes da educação a respeito da timidez. Presenciei professores afirmando que "a timidez é algo normal", que "faz parte da vida da criança" e que "passará com o tempo". Diante dessa concepção, as crianças com características de timidez não recebem auxílio de forma adequada e podem ser prejudicadas em seu processo de socialização. O papel do professor com seu olhar atento e cuidadoso é fundamental para a construção das relações interpessoais.

[...] um vínculo de confiança, de segurança afetiva será a sustentação para o desenvolvimento de um sujeito seguro de si mesmo, que pode se expressar com competência e procurar respostas a suas indagações, porque foi escutado em suas necessidades (SOARES, 2017, p. 24).

O ambiente familiar dessas crianças não é diferente da escola, visto que os pais e/ou responsáveis também não compreendem a timidez como algo prejudicial para o desenvolvimento da criança. No entanto, esses dois ambientes influenciam na

personalidade da criança, e, ambos têm uma função em seu desenvolvimento, o que faz necessário um bom relacionamento entre a escola e a família para auxiliar no desenvolvimento da criança. Como destaca Szymanski (2007 p. 98-99)

O que ambas as instituições têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para a sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas as instituições desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão.

O interesse por esse tema justifica-se mediante as experiências e observações, que permitiram construir várias indagações, como por exemplo, quais são as origens ou possíveis motivos que levam uma criança a ser tímida na escola? É possível minimizar as características de timidez por meio da atividade lúdica?

Compreender o fenômeno da timidez não é algo simples, porém se faz necessário e importante para que os profissionais da educação busquem contribuir com o desenvolvimento das crianças, trazendo ganhos ao seu desenvolvimento social e desempenho escolar. Algumas vezes, os professores não auxiliam a criança tímida não por não considerarem que isto seja um problema, mas por não saberem como ajudar ou qual é a forma mais adequada.

A importância dessa pesquisa decorre da necessidade de compreensão das especificidades da criança tímida como se relaciona com seus pares, como pensa, quais os seus medos, suas dificuldades e como age. A partir deste trabalho os agentes da educação, famílias e até mesmo profissionais de outras áreas, compreenderão a criança tímida e a necessidade, principalmente no ambiente escolar de promover ações que oportunizem um desenvolvimento saudável.

Para dar conta dessas intenções, os objetivos da pesquisa consistiram em investigar e realizar intervenção com uma criança que apresentava características de timidez em sala de aula. Como objetivos específicos buscaram-se: 1- identificar dificuldades de relacionamento da criança em sala de aula; 2- investigar, teoricamente, a origem da timidez e 3- promover intervenção junto à criança, por meio de atividade lúdica, visando analisar seus efeitos sobre o desenvolvimento emocional da criança, o que poderia minimizar as características de timidez.

É importante ressaltar que embora neste nível ainda não se trate de patologia, nesta pesquisa trabalha-se com criança que já manifesta algumas das características de uma timidez mais séria, mas que ainda pode ser beneficiada por estratégias de alcance de um professor ou pedagogo.

O trabalho está organizado em sete partes, sendo a primeira a introdutória. Na sequência apresenta-se o suporte teórico adotado e a metodologia utilizada. Posteriormente, o leitor encontrará a apresentação e discussão dos dados e as Considerações Finais, abrangendo as reflexões suscitadas no decorrer do trabalho.

2 TIMIDEZ: ASPECTOS GERAIS

A criança tímida se caracteriza por ser muito quieta, ter dificuldade de se relacionar com as pessoas, ter medo de tudo. A pessoa tímida vem sendo definida por alguns autores e até agentes da educação como “covarde”, que fica quieta no seu canto; utilizam, também, o termo “acanhada”. Nessa perspectiva Silva e Ribeiro (2015, p.02) discorrem que

No contexto atual, quando se afirmar que alguém é tímido, está se referido a uma dificuldade que ele apresenta, estimulado pelo acanhamento, pela prudência ou pela desconfiança. De forma que um indivíduo considerado tímido é difícil de ser abordado, bem como o mesmo enfrenta dificuldades de se relacionar com seus pares, em qualquer contexto, principalmente, no âmbito social.

Percebe-se que o tímido se preocupa muito em manter uma aparência positiva para as pessoas, o que lhe faz ser muito exigente, a ponto de se cobrar demais (AGUIAR, 2010). Também faz parte das características do tímido ter medo de ser rejeitado, visto que constrói pensamentos negativos que absorve para si mesmo, construindo limitações para sua autoconfiança. No caso da criança de educação infantil, geralmente há uma necessidade afetiva por traz dessas manifestações caracterizadas como timidez (CRAWFORD; TAYLOR, 2000).

O sujeito se sente invisível e, na maioria das vezes, prefere ficar só observando ao invés de participar. Este sujeito manifesta sentimentos bons e participa quando estabelece um vínculo com a outra pessoa que, de seu ponto de vista, tenha características similares às dele (VERZTMAN, 2014).

No contexto dos aspectos intelectuais os pensamentos estão ligados ao medo do tímido de ser visto de uma forma negativa pelas outras pessoas e parecer ridículo. Outro aspecto fundamental a destacar são as questões afetivas que diferente da cognitiva inclui vergonha, ansiedade, tristeza, solidão, ansiedade. E, também, apresentam alguns comportamentos como, por exemplo, tremedeira, transpiração e evita contato visual.

Conforme Crawford e Taylor (2000), a timidez pode ser ocasionada por diversas razões, desde padrões familiares até traumas:

1- Padrões Familiares: embora possa ter sido criada em uma família amorosa, a criança pode ter uma força negativa que molda seu comportamento e sua visão de mundo. É difícil vencer os efeitos de uma família quando os pais lhe dizem: “Você nunca será bom nisso” ou “Não se preocupa com isso, você sabe que nunca conseguirá”, é quase certo que a criança pensará assim. 2- Pais tímidos: as crianças podem, simplesmente, “aprender” a ser tímidas com seus pais. Os pais que são muito tímidos, muito nervosos, em geral transmitem esse

comportamento à família. Para as autoras as crianças saem do útero como seres confiantes, porém, uma relação frágil pode apagar essa confiança, especialmente se seus pais têm carência de autoestima e de amor-próprio. 3- Humilhação: são muitas as maneiras pelas quais uma criança pode ser humilhada ou se sentir humilhada, e o choque pode ficar em sua mente por toda a vida, a menos que se lide com ele. 4- Trauma: o trauma tem muitas origens e provoca um condicionamento inconsciente que se traduz em auto-sabotagem pelo resto da vida. O choque, o pesar e a confusão - que geralmente se originaram de eventos traumáticos - muitas vezes programam o inconsciente com o propósito de evitar novo sofrimento - e, não raro, essa técnica segue com a pessoa para sempre. Com frequência a ação de evitação é muito inadequada para as situações que terá que enfrentar na vida. 5- Maus-tratos de colegas: os efeitos dos maus-tratos de colegas podem perseguir a criança, podem fazê-la temer situações sociais e, ainda, inibir seus estudos, seu trabalho e sua vida social; o medo da intimidação pode destruir a autoestima. 6- Repressões: as repressões e proibições excessivas podem partir de outras crianças, professores, pais, amigos, membros da família. Seja qual for a origem, constantemente prejudicam a autoestima. 7- As crianças não desejadas na gravidez e as que foram separadas dos pais logo após o nascimento: já se provou cientificamente que mesmo no útero os bebês podem escutar o que os pais dizem. Assim, as crianças não desejadas e aquelas sujeitas a escutar discussões entre os pais ainda no útero podem ter essa consciência desde muito cedo. Crianças cercadas por gritos e brigas permanecem ansiosas.

Além de todas essas possíveis razões, a separação da mãe no nascimento da criança, por algum acontecimento, desde um parto que seja cesariano ou alguma situação na qual o bebê precise ficar na incubadora, pode despertar nele um sentimento de abandono, isolamento e solidão, que posteriormente limitará as suas relações interpessoais por medo de ser abandonado novamente (CRAWFORD; TAYLOR, 2000).

É notório que a criança tímida na educação infantil, conforme Silva e Ribeiro (2015) pode ser percebida como tímida nas outras etapas da educação básica, haja vista que este fenômeno é estável. Diante disso é importante que a criança seja auxiliada, caso contrário, as dificuldades vão aumentando cada vez mais, podendo levar a problemas socioemocionais (ansiedades sociais e depressões).

3 A TIMIDEZ NA ESCOLA

Embora a escola de educação infantil devesse ser um espaço em que se desenvolvam práticas pedagógicas que priorizem o protagonismo da criança no processo de ensino e aprendizagem, a mesma exerce pouca ou quase nenhuma prevenção para que as crianças tímidas não sejam maltratadas por seus colegas. Diante disso, a escola acaba reforçando cada vez mais a timidez na criança, forçando-a a enfrentar essa situação de maus tratos de forma equivocada, afirmando, por exemplo, “Você não pode ficar o resto de sua vida assim”, “Você vai sofrer na vida, tem que aprender se defender”. Isso faz com que essa criança seja ainda mais exposta, que não queira mais ir para a escola, gerando um sentimento de frustração que irá limitar suas relações com o grupo (CRAWFORD; TAYLOR, 2000).

Casares, Caballo e Marinho (2002, p.01) discorrem que

No contexto escolar os professores qualificam essas crianças como quietas e medrosas, mas, no entanto, geralmente não as identificam como indivíduos com problemas, já que os comportamentos que apresentam não são perturbadores. Assim, crianças retraídas costumam não ser percebidas como tendo dificuldades e, em determinadas ocasiões, chegam a ser valorizadas como bons alunos e podem ter seu comportamento retraído e tímido reforçado.

Nessa mesma direção, de acordo com Aguiar (2010, p.11):

Na escola há muitos casos de sujeitos que se apresentam tímidos, com dificuldade de estabelecer relações sociais com os amigos da turma, com os professores e até mesmo consigo próprios, encontrando muitas dificuldades para expressar sua maneira de ser, sentir e agir no mundo escolar. Normalmente identifica-se que esses alunos com características mais introvertidas acabam por ser tratados com certa negligência por parte da escola, justamente pelo fato de não se manifestarem como o “aluno problema”, pelo contrário, são considerados exemplos para os demais por serem vistos como alunos “bonzinhos”, que “não dão trabalho para o professor” e por isso não recebem atenção devida por parte da escola. [...] Um outro aspecto importante de ser trabalhado e discutido na escola é o fato de que os alunos tímidos são muito mais susceptíveis a sofrer agressões no ambiente escolar do que os outros.

Por conta de todos os riscos e prejuízos imediatos é que a criança precisa de uma intervenção adequada, para isso precisa ser reconhecida pelos professores e auxiliada. (WINNICOTT, 1982).

Identificar essas crianças não é tão difícil como parece, já que na maioria das vezes em qualquer ambiente elas preferem estar sozinhas, têm certo desconforto em ficar

no meio de um grupo grande de pessoas e preferem brincar sozinhas, se isolando de tudo e de todos (SILVA; RIBEIRO, 2015).

Casares, Caballo e Marinho (2002, p.05), destacam que a criança tímida, pode apresentar as seguintes características na escola:

Brinca sozinha com areia ou água; durante o recreio permanece sozinha, distante das outras crianças; não inicia uma conversa, não se senta ao lado de uma criança desconhecida; evita olhar nos olhos da pessoa com quem fala; suas mãos suam quando está trabalhando em grupo; gagueja quando lhe perguntam algo; tem dificuldades para decidir algo e está sempre insegura; nunca apresenta idéias para as brincadeiras é muito submissa, sempre faz o que os demais dizem, sem questionar; é muito calada e somente fala com pessoas com que tenha intimidade; nunca tem a iniciativa para falar; se não se dirigem a ele/a, não diz nada; responde somente se lhe perguntam e o faz com monossílabos; passa o recreio andando pelo pátio; fala muito baixo; mal se ouve o que diz; não gosta de ser o centro das atenções; costuma ser muito dependentes dos adultos; quando chega uma visita à sua casa, esconde-se e não sai até que esta tenha ido embora; costuma mostrar-se apática e passiva; dias antes de um exame oral, começa a apresentar vômitos, dores de cabeça etc; quando é chamada ao quadro negro, fica tão nervoso que se congela e não é capaz de raciocinar; não expressa suas opiniões no grupo; senta-se no fundo da classe, sozinha e deixando alguma carteira vazia entre ela e os outros companheiros se tem dúvidas ou dificuldade no trabalho escolar, não pergunta nem à professora nem aos colegas; os colegas se aproveitam de seu trabalho e ela não reclama; não tem coragem de dizer não às coisas que os colegas lhe pedem; no recreio, brinca sozinho com uma bola, batendo-a contra a parede; os colegas mexem com ela e riem dela e ela não sabe como se defender; passa despercebida; se não vem à aula, ninguém se dá conta; apresenta desculpas para não sair ao recreio; pode não estar atenta à aula, porque fica todo o tempo torcendo para que a professora não lhe faça perguntas, não olhe para ela, não diga nada sobre ela; é extremamente obediente; não se relaciona com os demais, nem briga para pegar um brinquedo de que gosta; torce para escolher o brinquedo que ninguém quer; quando algo sai bem, pensa que teve sorte; quando algo sai mal, acredita que foi sua culpa; não se defende quando alguma criança a agride; gosta de estar com a professora; nos recreios fica perto dela; chora facilmente, por qualquer coisa; nunca diz a que lugares quer ir ou o que quer fazer.

Diante disso, a relação professor-aluno na educação infantil é fundamental para o processo de desenvolvimento da criança, pois é na educação infantil que se constrói a base para que as outras fases que fazem parte do seu desenvolvimento ocorram de forma saudável.

A escola é o instrumento ideal para se trabalhar a autoconfiança, basta a realização de um trabalho direcionado para esse fim. Os educadores e instituições têm capacidade de sobra para realizar esse trabalho, basta a conscientização do que é timidez, dos males que causam e do

dever do educador com seus alunos e com a sociedade (SILVA; RIBEIRO, 2015, p.35).

Este trabalho busca obter elementos, portanto, que sejam úteis aos professores quanto ao conhecimento, reflexões e práticas envolvendo essas crianças. A seguir, será a descrita a metodologia utilizada na pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho foi desenvolvido com base na pesquisa qualitativa. Segundo Trivinos (1987, p. 133)

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave. [...] O pesquisador orientado pelo enfoque qualitativo, tem ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, com a finalidade de conhecer o cotidiano da criança, suas características pessoais e de seus pais, seus comportamentos no ambiente familiar e escolar e características de sua relação com os pais, professores e colegas. Essas entrevistas foram realizadas com os pais e professoras da criança participante da pesquisa, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (045860/2014).

É relevante mencionar antes das entrevistas foram realizadas algumas observações da rotina da criança no ambiente escolar, especificadamente, na sala de aula, no parque, no refeitório e na sala de vídeo. Esta observação, no primeiro momento, não foi participativa, pois o intuito era perceber como se estabeleciam as relações da criança com suas professoras e colegas. Posteriormente, comecei a me envolver com a turma para me aproximar da criança de forma natural, para que houvesse maior chance de que ela aceitasse o convite para brincar na brinquedoteca, já que não se sentia bem ao lado de pessoas desconhecidas.

Observar, então, com caráter de investigação científica, é utilizar os sentidos intencionalmente com objetivo de adquirir conhecimento, cuidando para que preconceitos não interfiram no que está sendo observado (REYS; MONTEIRO, 2010, p.10).

As atividades lúdicas com a criança ocorreram uma vez por semana, durante dez encontros que aconteceram nos anos de 2016 e 2017 individualmente, na brinquedoteca escolar de uma escola pública de educação infantil do município de Presidente Prudente. No momento da atividade lúdica eram expostas duas caixas grandes azuis com diversos brinquedos para que a criança tivesse acesso, tais como, casinha, bonecos de pano, livros, caderno de desenho, massinhas, tintas, animais, carrinhos, brinquedos de montar, dentre outros, os quais foram selecionados de acordo com a faixa etária trabalhada (ABERASTURY, 1992).

O brincar foi escolhido como forma de intervenção porque permite à criança expressar e elaborar seus conflitos, podendo auxiliar nos estados emocionais que estão relacionados às características de timidez.

Por meio da atividade lúdica, a criança expressa seus conflitos e, deste modo, podemos reconstruir seu passado, assim como nos adultos fazemo-lo através de palavras. Está é uma prova convincente de que o brincar é uma das formas de expressar os conflitos passados e presentes (ABERASTURY, 1992, p.17).

Além da expressão de conflitos, por meio do brincar é possível à criança:

desloca (r) para o exterior seus medos, angústias e problemas internos, dominando-os por meio da ação. Repete no brincar todas as situações excessivas para seu ego fraco e isto lhe permite, devido ao domínio sobre os objetos externos a seu alcance, tornar ativo aquilo que sofreu passivamente, modificar um final que lhe foi penoso, tolerar papéis e situações que seriam proibidas na vida real tanto interna como externamente e também repetir à vontade situações prazerosas. (ABERASTURY, 1992, p.15).

Os dados levantados serão analisados conforme os preceitos da pesquisa qualitativa e do referencial de Arminda Aberastury.

Figura 1: Espaço da Brinquedoteca Escolar



Fonte: Carlos, 2016.

Figura 2: Brinquedos disponíveis na Brinquedoteca escolar



Fonte: Carlos, 2016.

A brinquedoteca escolar é um espaço no qual os professores possam levar seus alunos e desenvolverem atividades lúdicas, brincadeiras, oficinas, dentre outros. Diante disso, a brinquedoteca escolar tem se constituído como um grande avanço na educação infantil e na história do brincar. Atualmente, a atração da brinquedoteca tem sido pela diversidade dos brinquedos nela expostos, mas a existência da brinquedoteca se também, pelas atividades lúdicas proporcionadas naquele ambiente.

A brinquedoteca é um espaço que tem a finalidade de propiciar estímulos para que a criança possa brincar livremente e se desenvolver numa forma lúdica, por algumas horas diárias. Pode-se considerar que a brinquedoteca é um agente de mudanças, em relação ao aspecto cognitivo, social, físico e educacional (RAMALHO; SILVA, p.3, 2014).

Ainda convém falar, que esta é um espaço onde o trabalho pedagógico pode ser desenvolvido e que na maioria das vezes se encontram localizadas na escola, possuem jogos, brinquedos, livros, dentre outras coisas. O que enriquece no desenvolvimento da criança nos aspectos físico, afetivo, social, cognitiva, nas suas relações interpessoais. Contudo, esse é um recurso fundamental para o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil.

O projeto foi aprovado pela Secretaria de Educação de Presidente Prudente e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FCT/UNESP.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA

A criança que participou da pesquisa tinha três anos de idade, filho único e morava com seus pais. Gabriel¹ começou a frequentar a escola desde muito cedo, ainda no berçário, pois os pais precisavam trabalhar. Gabriel só tinha contato com sua mãe em um dia durante a semana, no qual ela tirava "folga". Inicialmente havia um acordo em que a criança poderia ficar em casa no dia da folga da mãe, porém, algum tempo depois, mesmo em seu dia de folga a mãe passou a mandá-lo à escola.

Durante a entrevista, o pai afirmou que, quando estavam os três juntos, Gabriel só queria brincar e ter a atenção dos pais. Caso contrário, ele rapidamente ficava bravo, começava a jogar os brinquedos pela casa e nos pais e se jogar no chão, chorando muito. Afirmou que ele se relacionava bem com os primos, gostava de brincar de barro e super-herói.

Na entrevista com as professoras, elas relataram que a participação da criança em sala de aula, nos momentos de brincadeiras, rodas, atividades e passeio em ar livre, era muito restrita, uma vez que não interagia com as demais. Com as professoras, a interação também apresentava dificuldades, a comunicação era muito restrita. A criança praticamente não falava. As professoras apontaram que a participação da criança na sala de aula era muito restrita, pois preferia ficar sozinha; como não se relacionava com as outras crianças, os trabalhos coletivos eram dificultados. Citaram, ainda, que a criança sentia muita falta dos pais.

Muitos aspectos presentes nos relatos dos professores, foram percebidos no decorrer das observações, como poderão ser verificados nos dois relatos que serão apresentados a seguir.

Primeiro dia de observação

No primeiro dia, ao chegar à sala de aula, fui bem recepcionada pelas professoras (titular e auxiliar). A professora efetiva me apresentou às crianças, dizendo o meu nome e que eu estaria na escola uma vez por semana e as crianças adoraram a ideia de que teria outra pessoa com elas.

¹ Nome fictício.

Enquanto a professora estava me apresentando às crianças, estas prestaram muita atenção e, pelas suas expressões, gostaram da minha presença. A sala era bem tranquila, em alguns momentos surgiam alguns conflitos entre as crianças, porém, nada que não pudesse ser resolvido com tranquilidade. A relação desses sujeitos era de confiança, companheirismo e tinha um vínculo afetivo muito forte, o que facilitava as relações e interações dentro do ambiente escolar.

O que predominava era o aspecto do cuidado e a dimensão do educar pouco foi observada. Entretanto, tal questão não será aprofundada, visto que o meu primeiro objetivo era fazer uma observação geral da criança, como era a sua relação com a professora e com as outras crianças da sala, observando-a na hora do café, na hora das brincadeiras, do almoço e dentro da própria sala de aula.

[...] Relações podem se desenvolver a partir de qualquer tipo de interação, mas especificadamente durante aquelas que ocorrem enquanto os adultos estão dando conta das atividades essenciais da vida diária, às vezes chamadas rotinas de cuidados (GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 05).

Por meio das observações realizadas nesse primeiro dia, foi possível verificar que Gabriel quase não se relacionava com as outras crianças, gostava de ficar e brincar sozinho. Ele se relacionava melhor com a professora auxiliar, que sempre estava ao seu lado, era a única pessoa que conseguia olhar em seus nos olhos e conversar, inclusive quando brincava. Dificilmente se ouvia sua voz e, embora seus colegas a todo o momento fossem chamá-lo para brincar, não dava atenção e ficava bravo caso ficassem insistindo.

Segundo dia de observação

Ao chegar à sala de aula notei que as crianças estavam "agitadas" e as professoras pareciam estar irritadas com aquela situação, pois estavam chamando muito à atenção delas, afirmando que estava muito barulho e que tinha visita, que elas precisavam ficar quietas, caso contrario, não iriam brincar no parque.

Gabriel estava quieto, sentado no chão brincando sozinho, enquanto a sala estava “pegando fogo”, era como se ele estivesse em outro lugar e não se importava com o que estava acontecendo a sua volta. Para acalmar as outras crianças as professoras se referiam a Gabriel como o maior exemplo da sala, elas tinham orgulho dele ser extremamente obediente, como se fosse uma qualidade muito grande dele. Sempre que as professoras se referiam a Gabriel, ele simplesmente abaixava a cabeça, o que a meu

ver o expunha. Elas não percebiam que essas atitudes só poderiam prejudicar a relação entre as crianças e o próprio Gabriel, o que apenas enxergavam era que a sala se acalmava depois dessas falas.

No contexto escolar, nessa mesma direção, professores qualificam essas crianças como quietas e medrosas, mas, no entanto, geralmente não as identificam como indivíduos com problemas, já que os comportamentos que apresentam não são perturbadores. Assim, crianças retraídas costumam não ser percebidas como tendo dificuldades e, em determinadas ocasiões, chegam a ser valorizadas como bons alunos e podem ter seu comportamento retraído e tímido reforçado ("Veja como seu colega está quieto! Espero que aprenda com ele! É uma criança encantadora, muito tranqüila e obediente") (CASARES; CABALLO; MARINHO, 2002, p. 01).

A partir dessas observações foi possível identificar algumas características comportamentais da criança, apresentadas na tabela abaixo:

Tabela 1: Descrição comportamental da criança

Brinca sozinha
Fala pouquíssimo
Não fica ao lado de pessoas desconhecidas
Não se defende quando alguma criança o agride
Chora facilmente
Gosta de estar sempre ao lado da professora
Não briga para pegar um brinquedo que gosta
Evita olhar nos olhos das pessoas
Abaixa a cabeça quando alguém fala com ele
É extremamente obediente

Fonte: Carlos, 2018.

Considerando este conjunto de características iniciou-se o trabalho com as atividades lúdicas em busca de melhor compreender a criança, seus conflitos e angustias que influenciavam nesses comportamentos.

6 ATIVIDADES LÚDICAS

1º Atividade lúdica

Como era de costume cheguei à escola e fui para a sala de aula, ao chegar lá as professoras explicaram às crianças e ao Gabriel que eu iria desenvolver uma atividade com ele, por isso, ele sairia da sala por alguns minutos, mas que voltaria rápido.

A partir dessa pequena explicação, elas mesmas chamaram Gabriel para ir comigo, em nenhum momento ele questionou, apenas pegou na minha mão e saímos em direção à brinquedoteca, que não ficava muito longe da sala. No caminho tentei conversar com ele, convidá-lo a brincar comigo, ele abaixou sua cabeça e não houve nenhum diálogo entre nós nesse percurso.

Quando chegamos à brinquedoteca eu abri a porta do armário onde estavam as caixas azuis com os brinquedos, coloquei as duas sobre o tapete que havia na sala e o Gabriel ainda estava em pé, ele só se sentou quando eu disse: “Pode se sentar Gabriel!” Esse comportamento prevaleceu durante o encontro, visto que ele sempre esperava a minha autorização para fazer algo e em alguns momentos, embora eu falasse que ele poderia sentar no tapete, abrir as caixas e pegar os brinquedos, a criança continuava receosa.

As caixas estavam fechadas, ele não parecia estar disposto a brincar, então tomei a iniciativa de destampar as caixas e mostrar os brinquedos para a criança, sempre reforçando que nós estávamos lá para nos divertirmos e brincar. Notei que a expressão de seu rosto havia mudado, acredito que tenha gostado de ver aquele monte de brinquedos.

Figura 3: Explorando os brinquedos das caixas



Fonte: Carlos, 2016.

Figura 4: Observando os brinquedos dentro da caixa



Fonte: Carlos, 2016.

Apesar de seu interesse em brincar se mostrou com receio em pegar os brinquedos, mas conforme eu fui tirando os brinquedos da caixa e mostrando para ele que rapidamente foi pegando-os e segurando alguns em suas mãos. Eu não interferia e nem influenciava em suas escolhas.

Não são muitos os brinquedos de que necessita para esta atividade, pelo contrário, se eles forem em demasia, podem estancar e confundir a criança em suas experiências. Se o adulto interfere e irrompe em sua atividade lúdica, pode perturbar o desenvolvimento da experiência decisiva que a criança realiza ao brincar (ABERASTURY, 1992, p. 54).

Quando faltavam alguns minutos para encerrarmos o encontro perguntei a Gabriel se gostaria de me ajudar a guardar os brinquedos nas caixas. Ele continuou onde estava e não me respondeu. Esse primeiro encontro possibilitou nos conhecermos melhor, até porque não tivemos nenhum contato direto quando eu estava dentro da sala de aula.

2° Atividade lúdica

No nosso segundo encontro Gabriel me surpreendeu, pois quando eu cheguei à sala para busca-lo ele já havia me visto e então saiu ao meu encontro, pegou em minha mão e nós fomos para a brinquedoteca. Isto mostrou que a criança já estava mais receptiva e segura em sair comigo da sala de aula, compreendendo que uma experiência agradável o esperava, superando, neste momento, as expectativas negativas que as crianças tímidas geralmente possuem (Crawford e Taylor, 2000). Naquele momento percebi que estávamos construindo um vínculo, que ele estava começando a confiar em mim.

Na brinquedoteca ainda estava com receio em conversar comigo e até em pegar os brinquedos das caixas, por mais que eu o orientasse, mostrando os brinquedos e conversando com ele. Em um primeiro impulso aceitou ir à brinquedoteca, mas, uma vez estando lá, voltou a sentir receio em manipular os brinquedos. Quando eu fiz o convite, ao final, para que me ajudasse a guardar os brinquedos, continuava sem me responder, apenas me observava enquanto eu estava guardando-os.

3° Atividade lúdica

O Gabriel foi bem comigo até a brinquedoteca, porém, no início, ainda estava com receio em pegar os brinquedos e conversar comigo. Após alguns minutos, enquanto

eu colocava os brinquedos no tapete para que ele pudesse brincar, percebi que, discretamente, estava fazendo uma seleção de brinquedos sobre o tapete. Os brinquedos que ele selecionou foram os carrinhos, Homem de ferro, animais de plástico (sapo, porco, vaca, leão, tigre, girafa) e o jogo de panelinhas.

Figura 5: Seleção de brinquedos



Fonte: Carlos, 2016.

Enquanto Gabriel estava brincando, não falava nada, apenas segurava os brinquedos ou então, quando não estavam mais em sua mão, podiam ser encontrados no chão, ao seu lado, e ele sempre estava de cabeça baixa, muito parecido com o que observei em sala de aula. Mas, em alguns momentos enquanto brincava me olhava também, acredito que ele queria me convidar para brincarmos juntos, só que não expressava isso oralmente.

Esse foi o comportamento geral de Gabriel durante o encontro, eu o deixei à vontade e não interferia em suas brincadeiras, apenas me remeti a ele no final, quando fiz a proposta de que me ajudasse a guardar os brinquedos, embora ele não se posicionasse, continuava a brincar como se eu não estivesse lá. Este encontro foi interessante, pois mostrou uma nova evolução em seu brincar, que estava se tornando mais espontâneo.

4º Atividade lúdica

A criança continuava receosa em explorar os brinquedos da brinquedoteca como um todo, apenas ficava sentada, parada, me olhando, como se estivesse esperando uma autorização. Ao orienta-lo, abrindo as caixas, mostrando os brinquedos e dizendo que poderia brincar com o que e como quisesse, Gabriel foi perdendo o receio e criando confiança, a ponto de me convidar a participar de uma de suas brincadeiras. Esse convite mostrou que o garoto não apenas desenvolveu a confiança, como também desejava interagir comigo, algo muito importante em seu desenvolvimento social.

Esse convite aconteceu no momento em que ele estava brincando de fazer "comidinha". Fazendo uso de panelas e bule, disse que iria fazer café para mim. Fez o café e me serviu no copo; os copos disponíveis eram nas cores rosa e roxo, mas ele sempre me servia no rosa, dizendo que rosa "era de mulher" e o copo roxo "era de homem" - o qual ele denominava de "copo azul". Tais definições de cores dos copos, demonstram a projeção de preconceitos de adultos. A criança gostava muito de brincar com estes recipientes e colocar outros brinquedos dentro destes.

Descobre que algo oco pode conter objetos, que algo penetrante pode entrar em objeto oco. Brinca incessantemente com isso. Este grande descobrimento é o anúncio da forma adulta de manifestar amor: entrar em alguém, receber a alguém dentro de si, unir-se e separar-se. Passa, assim, a explorar tudo o que seja penetrável e a usar tudo o que possa servir para penetrar; os olhos, os ouvidos, as bocas das pessoas vizinhas, lhe permitem fazer suas primeiras experiências de exploração (ABERASTURY, 1992, p. 35).

Figura 6: Brincando com as panelas coloridas



Fonte: Carlos, 2017.

Na brinquedoteca a criança tinha alguns brinquedos preferidos, tais como, carros, panelinhas, livros e gostava de desenhar. Quando a criança desenha elabora seus sentimentos de perda e armazena em sua memória a imagem da pessoa que ela gosta, mas que em sua concepção aparece e desaparece a todo o momento (ABERASTURY, 1992).

Figura 7: Brinquedos e brincadeiras que a criança mais gostava na brinquedoteca



Fonte: Carlos, 2017.

Faltando alguns minutos para finalizar o encontro, eu solicitei para que me ajudasse a guardar os brinquedos nas caixas - lembrando-o que eu voltaria na semana seguinte. Ele ficou quieto, porém, sua expressão facial mudou, parecia estar triste por parar de brincar, ficou claro que aquela atividade estava sendo prazerosa.

Neste encontro Gabriel não ficou apenas manipulando os brinquedos, mas conseguiu desfrutar dos brinquedos de modo a elaborar seus conflitos e angústias. A criança pode construir situações que no mundo real ele não poderia fazer como, por exemplo, quando estava brincando com um carrinho falou que tinha derramado café no carro de sua mãe e que está iria ficar muito brava com ele, porque não pode fazer isso.

É comum dizer-se que as crianças “dão escoamento ao ódio e à agressão” nas brincadeiras, como se a agressão fosse alguma substância má de que fosse possível uma pessoa livrar-se. Isso é verdade em parte, porque o ressentimento recalcado e os resultados de experiências coléricas podem ser encaradas pela criança como uma coisa má dentro dela. Mas é mais importante afirmar essa mesma ideia dizendo que a criança aprecia concluir que os impulsos coléricos ou agressivos podem exprimir-se num meio conhecido, sem o retorno do ódio e da violência do meio para a criança. Um bom meio ambiente, sentiria a criança, deveria se capaz de tolerar os sentimentos agressivos, se estes fossem expressos de uma forma mais o menos aceitável. Deve ser aceito a presença da agressividade, na brincadeira da criança, e esta sente-se desonesta se o que está presente tiver de ser escondido ou negado (WINNICOTT, 1982, p.161).

Percebeu, portanto, que nas atividades lúdicas suas brincadeiras não seriam julgadas, se sentindo seguro para se expor.

5º Atividade lúdica

No encontro seguinte Gabriel começou a escolher outros brinquedos para realizar as atividades lúdicas, substituindo aqueles que usava nos encontros anteriores. Segundo Aberastury (1992, p.17).

A substituição do objeto originário, cuja perda é temida e lamentada, por outros mais numerosos e substituíveis, a distribuição de sentimentos em múltiplos objetos e a elaboração de sentimentos de perda através da experiência de perda e recuperação (...).

A criança brincou também com os bonecos que simbolizavam a família (pai, mãe, filho, avó), algo que até então não realizava. Em suas brincadeiras com os bonecos ele disse “Mamãe, papai e bebê”, ainda mostrando um esforço em reter a família, em

guardá-la na memória. O boneco referente à avó, quem cuida dele na atualidade, também aparece em suas brincadeiras, mostrando a importância dela em sua vida.

Ao final do encontro Gabriel ainda se recusou a me auxiliar no momento de guardar os brinquedos nas caixas, percebi que ele não queria parar de brincar e voltar para a sala de aula. É importante destacar que uns dez minutos antes de acabar o nosso encontro, eu conversava com a criança que na semana que vem nós voltaríamos a brincarmos na brinquedoteca, no mesmo dia e horário, para que ela não se sentisse abandonada, pois naquele momento estava construindo um vínculo afetivo e confiando em mim. A meu ver, eu não poderia desapontá-la.

6º Atividade lúdica

Quando cheguei à sala de aula para buscar Gabriel, logo pude notar a sua expressão de felicidade por eu estar ali. Em seguida veio ao meu encontro e me abraçou forte, eu fiquei muito feliz com aquele abraço, foi muito significativo, percebi que nosso vínculo estava formado.

Posteriormente, fomos em direção à brinquedoteca e, como de costume, fui tentando conversar com Gabriel, que sempre ficava quieto e não me respondia. Algo havia mudado, ele conversou comigo, pouco, mas estava conversando, falando sobre seus pais e situações que aconteceram na sala de aula.

Durante o encontro lúdico, enquanto estávamos conversando, percebi que ele sempre falava de sua mãe, dizendo que ela que viria buscá-lo na escola. No entanto, quando conversei com as professoras, me disseram que quem busca a criança é o pai e, geralmente, quem o traz à escola é a mãe.

Gabriel sempre falava que era sua mãe que viria buscá-lo, pois, na verdade, isso era o que ele desejava, tendo em vista a saudade que sentia dela e à expectativa de vê-la ao sair da escola. Isso não era possível, pois sua mãe trabalhava até tarde, mas não impedia que sonhasse com a mãe durante o brincar e nas conversas que tinha comigo.

A criança ao nascer vem com a expectativa do tipo de mãe que lhe virá ao encontro. Se os dois se combinam, o filho que necessita da mãe e a mãe disposta a entregar-se, tem lugar a experiência gratificadora de uma feliz maternidade (ABERASTURY, 1992, p.19).

Acredito que Gabriel não me ajudava a guardar os brinquedos nas caixas pelo fato de não querer parar a brincadeira e, também, por medo de me perder, assim como tem receio em sua relação com a mãe. Também, acredito que por muito tempo evitou um contato maior comigo pelo mesmo medo.

7º Atividade lúdica

Observei que Gabriel continuava a falar de sua mãe, tanto no caminho que fazíamos para chegar à brinquedoteca quanto no interior desta, durante suas brincadeiras. O garoto sempre verbalizava seu desejo, sua necessidade, ao afirmar: “A minha mãe vem me buscar hoje”, como se tivesse uma esperança.

Ao final do encontro, quando voltamos para a sala de aula, fui abordada pela professora, que queria saber a respeito do encontro e como estava o comportamento de Gabriel quando estava comigo na brinquedoteca, como ele se relacionava, para poder fazer uma comparação com o seu comportamento dentro da sala de aula. Expliquei para ela que nos encontros ele conversava comigo, muitas vezes citava o nome da mãe, o que fazia com a mãe, as broncas que ela dava. Relatei que estava mais a vontade na brinquedoteca, que chegava à sala e abria as caixas de brinquedos.

A professora esclareceu que a mãe de Gabriel estava trazendo ele à escola e não estava mais ficando com ele no dia de sua folga. Tive a confirmação de que a criança estava sentindo mais ainda a falta de sua mãe e, por isso, dizia tantas coisas a respeito dela e sempre me “fazia café” enquanto brincava.

A criança pode imaginá-la, pensar nela, perder o sono, ser presa de pavores e até desenvolver uma fobia, porém não poderia condicionar essa nova situação no mundo externo. Pode isto sim, repetir muitas vezes esta experiência, já que o psiquismo dispõe de uma capacidade denominada compulsão à repetição que impele o indivíduo a reproduzir situações não elaboradas e a levá-las cada vez mais à consciência (ABERASTURY, 1992, p. 16).

Neste contexto, para Aberastury (1992, p. 15), esta brincadeira de fazer café

Permitia ao menino descarregar, sem risco algum, fantasias agressivas e de amor em relação à mãe, já que era senhor absoluto da situação. Além disso, elaborava deste modo sua angústia diante de cada despedida da mãe.

Ao final do encontro quando convidei Gabriel a me ajudar a guardar os brinquedos que estavam espalhados pela sala, ele se recusou. Ou seja, Gabriel ainda sentia o medo de me perder, pois em seu pensamento se me ajudasse a guarda-los ele estava contribuindo para que eu fosse embora e não saberia se eu iria voltar na próxima semana, mesmo que eu conversasse com ele e explicasse que eu voltaria para nós brincarmos.

8º Atividade lúdica

Neste encontro o Gabriel estava tranquilo, brincou, conversou comigo, estava explorando diversos brinquedos: carros, zebra de pano, fantoches, peças de montar, caminhões, livros, copos coloridos, boneca, bule, pratos, bolsa, carros, quebra-cabeça, animais de plástico, casa, secador, pente, Barbie, dentre outros que faziam referência a seu conflito.

Gabriel me surpreendeu quando pegou os livros - algo que até então não havia despertado o seu interesse, olhou para eles e me pediu para ler. Seu pedido não se deu por meio do diálogo, mas sim por gestos e atitudes, ou seja, ele entregou o livro aberto na minha mão, se sentou ao meu lado e ficou me olhando, como se estivesse esperando. Em seguida eu o questionei: “Você quer que eu leia?” e embora Gabriel não tivesse me respondido, realizei a leitura, pois ele me confiou a tarefa de auxiliá-lo.

Sua vida mental está povoada de imagens que a acalmam e de outras que a inquietam; teme perder todas essas imagens, necessita conservá-las recuperá-las, revivê-las, repetir a angústia que lhe provocaram e, deste modo, abundam os detalhes, objetos reais e fantásticos que seus desenhos recriam. A imagem é fugidia e o desenho a retém e a imobiliza. Esta capacidade de recriar objetos em imagens imóveis é uma nova forma de lutar contra a angústia de perda. A imagem entra também por outro caminho no mundo de seus brinquedos: aparece com o livro, e a monotonia com que as crianças pedem que repitamos suas pequenas estórias e mostremos seus desenhos é também uma forma de elaborar esta angústia de perda. Crianças há cujos brinquedos são apenas as imagens de seus livros. A vida moderna oferece à criança pequena a possibilidade de fazer aparecer e desaparecer, à vontade, a imagem (ABERASTURY, 1992, p.60).

O brincar com os livros permite a criança transitar pelo mundo consciente e inconsciente, pelo mundo real e de fantasia, ser os personagens que ela quer e mais se identifica. A interação dele com os livros é fundamental para o seu desenvolvimento emocional, despertando, também, o seu interesse pela literatura infantil.

9º Atividade lúdica

Ao chegarmos à brinquedoteca, Gabriel foi direto procurar pelos livros. Ele foi retirando diversos deles da estante, parecia que, naquele momento, todos os livros chamavam à sua atenção, tais como, Au-au miau, Os três porquinhos, Chapeuzinho vermelho. Todos os livros versavam sobre a relação entre filhos e pais, no caso, mães.

Figura 8: Explorando os livros da brinquedoteca



Fonte: Carlos, 2017.

Eu contava todas as histórias dos livros que a criança escolhia, as repetia quando solicitado, era surpreendente a forma como a expressão do Gabriel mudava com as situações apresentadas nas histórias, conforme as expressões dos personagens dos livros como, por exemplo, de surpreso, espantado, feliz, triste e etc. Ele absorvia as emoções e sentimentos daqueles personagens e os incorporavam.

Emoções e sentimentos são reais. Eles podem ser instigados por algo externo (por exemplo, por outra pessoa), mas os sentimentos em si pertencem a pessoa que os experimenta. [...] É real e deve ser reconhecido e aceito. Partindo desse fundamento da aceitação, as crianças pequenas podem aprender a valorizar seus próprios sentimentos e emoções, podem aprender a acalmar a si mesmas e a agir de formas socialmente aceitáveis (GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 206).

O seu olhar era de quem estava encantado pelas histórias e que estava curioso para saber o que ainda estava por vir. Neste encontro Gabriel teve sua atenção voltada apenas para os livros, me pediu para contar diversas histórias, seu interesse foi surpreendente, pois os livros sempre ficaram expostos na brinquedoteca, mas nunca se interessou para pegar algum.

10° Atividade lúdica

Quando cheguei à sala me deparei com outra professora, me apresentei a ela e expliquei o motivo de estar lá. Ela pareceu não compreender, acredito que não havia sido passado nada a ela sobre a pesquisa que estava sendo desenvolvida. Diante da insegurança da professora, propus a ele que ficássemos na sala aquele dia. Ele olhou para mim e sorriu, sua expressão era de quem havia gostado, pois também estava se recusando a ir para a sala da brinquedoteca.

[...] a afetividade é fundamental para vida humana e que representa um dos aspectos mais significativos na construção de seres humanos mais saudáveis e especialmente, mais capazes de tomar decisões sábias e inteligentes (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006, p. 125).

Aproveitei essa oportunidade de ficar na sala com Gabriel e as demais crianças, para observá-lo e pude perceber como ele tinha avançado, estava mais comunicativo com as outras crianças, no momento de brincar não ficava mais sozinho, sempre estava com alguma criança e não abaixava mais a cabeça quando falavam com ele.

No final desse dia Gabriel veio até mim e me abraçou, sua expressão era de quem estava muito feliz. Nos dois encontros posteriores, teve a mesma reação e, assim, não havendo mais a necessidade dos encontros lúdicos, aos poucos foram finalizados.

Com base nos encontros lúdicos realizados durante a pesquisa, foi possível verificar um avanço significativo em relação à criança, pois ela estava mais confiante e interessada nos contatos sociais. O brincar foi um instrumento fundamental neste contexto, em que a criança teve a oportunidade de elaborar seu conflito interno, com o auxílio de uma relação empática com a pesquisadora. Segundo o relato das professoras a criança se desenvolveu bastante, está mais participativa nas aulas, se mostrando "mais aberta" às relações sociais. Inicialmente ficava sozinho, agora Gabriel está acompanhado de um ou dois colegas, algo que até então não era observado, pois sempre estava mais sozinho.

A pesquisa o auxiliou a desenvolver a confiança e a possibilidade de construir vínculos com outras pessoas, algo dificultado pelas repetidas angústias de separação, visto que tinha grande medo de ser abandonado. As devolutivas feitas pelos pais e professoras foram muito significativas, pois mostraram que a sua interação no ambiente familiar e escolar melhorou muito, que os comportamentos da criança mudaram, tendo em vista que antes ela, brincava sozinho, ficava quieto no canto, mas depois que passou pela pesquisa começou a interagir com as outras crianças, participando das rodas de

conversas, falando com o que queria brincar e até convidando outras crianças para brincar com ele, algo que até então, não tinha ocorrido.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi compreender a timidez na educação infantil e realizar intervenção por meio da atividade lúdica, analisando suas repercussões à socialização da criança. A pesquisa foi desenvolvida com uma criança de três anos de idade, a qual apresentava excessivas características de timidez. Conforme as entrevistas, observações e atividades lúdicas desenvolvidas, foi possível identificar que repetidas angústias relacionadas ao tema "perdas", influenciaram nos estados emocionais de Gabriel, produzindo dificuldades nas interações sociais.

Com base nos autores mencionados no decorrer do trabalho, foi possível compreender que a presença de crianças tímidas é acentuada nas escolas, porém, apesar dessa prevalência, quase não são percebidas pelos seus professores, pois geralmente “não dão trabalho”. Em geral são muito quietas, não se envolvem em confusões, são medrosas e não se impõem ou dão sua opinião. Por vezes são citadas pelos professores como modelos de comportamento a serem seguidas pelas demais, o que acaba reforçando sua forma de ser. Comumente as crianças de características opostas é que costumam ser a prioridade dos professores, negligenciando-se as necessidades das crianças tímidas.

Isso ocorre pelo pouco conhecimento na área e, portanto, dos prejuízos que a timidez pode causar no futuro próximo da criança. Ao contrário do que se pratica na maioria das escolas, não é expondo a criança tímida sistematicamente à situações às quais tenham dificuldades é que será resolvida a questão. Esse trabalho requer planejamento, uma abordagem cuidadosa, sob risco de agravar o problema.

Diante do exposto, a atividade lúdica no ambiente escolar se faz muito importante para assegurar que as experiências com os brinquedos de fato aconteçam. Esse momento pode trazer a criança a oportunidade de trabalhar suas angústias, sofrimentos, medo, expressar seus sentimentos bons e ruins por meio da ação e, além disso, ela ainda estará se divertindo.

A atividade lúdica é um meio de comunicação da criança, momento que permite ser vista e reconhecida pelos professores. Diante dessas contribuições do brincar é relevante esclarecer que nem sempre essa atividade é desenvolvida na perspectiva ora defendida. Alguns profissionais não se dão conta do quanto essa atividade é profunda, por isso não é priorizada, se tornando um “tapa buraco”.

Para finalizar este trabalho, fica claro a necessidade de um olhar mais específico e crítico acerca das crianças com dificuldades nas interações sociais, sobretudo àquelas

com características de timidez, tendo em conta a atividade lúdica como uma oportunidade que os professores têm de conhecerem e trabalharem com as crianças.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- AGUIAR, G. C. **A timidez no contexto escolar: um olhar sobre esta característica da personalidade humana na escola**. Três Cachoeiras, 2010.
- CASARES, M. S. M.; CABALLO, V. E.; MARINHO, M. L. **A criança tímida e retraída**. 2002.
- CRAWFORD, L.; TAYLOR, L. **Timidez: esclarecendo suas dúvidas**. São Paulo: Ágora, 2000.
- GONZALEZ, M. J; EYER, D. W. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas**. 9 ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.
- MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação**. Educação, Porto Alegre. v. 29, n. 1, p. 123-133, 2006.
- PEREZ, J. B. L.; DIAS, M. A. D. **Crianças tímidas: aprendizagem da criança tímida e sua relação nos aspectos socio afetivo**. Revista Eventos Pedagógicos, v. 2, n. 2, p. 102-111, ago./dez. 2011.
- RAMALHO, M. R. B.; SILVA, C. C. M. **A brinquedoteca**. Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 8/9, p. 26, 2014.
- REYS, C. R.; MONTEIRO, H. M. **Olhando e observando**. In: REYS, C. R.; MONTEIRO, H. M. Um olhar crítico- reflexivo diante da realidade educacional. São Carlos: EdUFSCar, p.11-29. 2010.
- SILVA, J. R.; RIBEIRO, I. J. L. **A timidez numa perspectiva psicanalítica: avaliando o problema numa escola pública estadual de ensino fundamental, no município de Aguiar, Paraíba**. REBES (Pombal - PB, Brasil), v. 5, n. 1, p. 34-42, jan./mar. 2015.
- SOARES, S. M. **Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos**. 1. ed. São Paulo: Omnisciência, 2017.
- SZYMANSKI, Heloisa. **Encontros e desencontros na relação família/escola**. In: SZYMANSKI, Heloisa. A relação família/escola: desafios e perspectivas. 2.ed. Brasília:Líber Livro Loyola, 2007. p.93-114.
- TRIVINOS, A. N. S. **Pesquisa qualitativa**. In: TRIVINOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo:Atlas, 1987. p. 116-133.
- VERZTMAN, J. **Embaraço, humilhação e transparência psíquica: o tímido e sua dependência do olhar**. Rio de Janeiro: Ágora, p.127-140. Ago./2014.
- WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.

ANEXO 1: PARECER ÉTICO

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA - UNESP/
CAMPUS DE PRESIDENTE

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Crianças agressivas e tímidas na escola: investigação e intervenção por meio do lúdico
Pesquisador: Andreia Cristiane Silva Wiezzel
Versão: 1
CAAE: 31996114.5.0000.5402
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 045860/2014
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305
Bairro: Centro Educacional **CEP:** 19.060-900
UF: SP **Município:** PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 **Fax:** (18)3229-5353 **E-mail:** cep@fct.unesp.br